

Alfabetização Intercultural – exercícios de formação docente indígena na pandemia por meio do Instagram

INTERCULTURAL LITERACY

Josélia Gomes Neves¹

Recebido: 17/06/2022

Aprovado: 02/08/2022

Publicado:

DOI: 10.5965/10.5965/235809252612022e2301

RESUMO

O texto em tela trata de uma elaboração acadêmica desenvolvida no Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia por meio da Linha de Pesquisa Alfabetização e Cultura escrita da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A finalidade foi analisar os resultados do projeto de pesquisa “Alfabetização Intercultural no Instagram: exercícios de formação docente indígena” desenvolvido de 2021 a junho de 2022 por meio da pesquisa bibliográfica, documental e narrativa. Os resultados sugerem que as plataformas digitais são importantes por assegurar a comunicação interativa, o cumprimento dos protocolos sanitários e a ocupação do espaço cibernético que neste contexto pode representar um amplo local de formação e de desenvolvimento e transferência de novas tecnologias e inovação. Inferimos que o projeto propiciou uma ação formativa sobre o ingresso de povos indígenas nas atuais culturas do escrito por meio de possibilidades estéticas digitais, específicas e diferenciadas.

Palavras-chave: Alfabetização Intercultural, Formação docente indígena, Pandemia, Instagram.

ABSTRACT

The text on screen deals with an academic elaboration developed in the Research Group on Education in the Amazon through the Line of Research Literacy and Written Culture of the Federal University of Rondônia (UNIR). The purpose was to analyze the results of the research project "Intercultural Literacy on Instagram: exercises of indigenous teacher training" developed from 2021 to June 2022 through bibliographic, documentary and narrative research. The results suggest that digital platforms are important in ensuring interactive communication, compliance with health protocols and the occupation of cyberspace, which

Alfabetização Intercultural – exercícios de formação docente indígena na pandemia por meio do Instagram

Josélia Gomes Neves

in this context can represent a large place for training and development and transfer of new technologies and innovation. We infer that the project provided a formative action on the entry of indigenous peoples into the current writing cultures through digital aesthetic possibilities, specific and differentiated.

Keywords: Intercultural Literacy, Indigenous teacher training, Pandemic, Instagram.

1. Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) no curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural e no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM). Líder do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA).
E-mail: joseliagomesneves@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Alfabetização Intercultural tem sido pensada há um pouco mais de 15 anos (NEVES, 2005) como uma possibilidade teórica de compreensão do ingresso inicial dos povos indígenas na cultura escrita. O tema ganha uma importância ainda maior em função de sua relação com sociedades marcadas pela tradição oral e que na atualidade se comunicam também em suportes impressos e eletrônicos.

Assim, esta temática tem se constituído como um conjunto de estudos sobre a iniciação ao sistema de escrita em aldeias indígenas. Leva em conta as premissas legais no que diz respeito ao trabalho pedagógico bilíngue, a valorização dos conhecimentos específicos e a interculturalidade evidenciada nesta relação. Um mecanismo que pode significar uma feição humanizadora da educação atual na perspectiva interdisciplinar.

A valorização da escrita na contemporaneidade, possivelmente potencializada pela globalização, tem pressionado cada vez mais o exercício de práticas sociais e escolares nas comunidades indígenas. Por sua vez, esta demanda bate na porta das instituições formadoras, na medida em que há necessidade de ampliar a compreensão sobre o ingresso dos povos indígenas na cultura escrita.

Estas considerações possuem relação direta com o objeto de reflexão apresentado neste texto, que tem o objetivo de analisar os resultados do projeto de pesquisa “Alfabetização Intercultural no Instagram: exercícios de formação docente indígena” desenvolvido no período de março de 2021 a junho de 2022. O objetivo desta proposta investigativa foi levantar publicações acadêmicas sobre a Alfabetização Intercultural e elaborar conteúdo digital com vistas a interagir com a docência indígena de Rondônia e noroeste do Mato Grosso através das redes sociais na perspectiva da Ciência Aberta. A metodologia adotada no projeto foi a Pedagogia da Pesquisa-Ação (FRANCO, 2005) por seu viés .

Josélia Gomes Neves

O referido estudo foi produzido no âmbito do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA) como resultado do planejamento realizado na Linha de Pesquisa Alfabetização e Cultura escrita. Um coletivo investigativo que tem se dedicado a estudar, dentre outras questões, como ocorrem os processos de aprendizagem iniciais de leitura e de escrita entre os povos indígenas tendo em vista a importância das práticas sociais de escrita na atualidade.

O processo de revisão bibliográfica levou em conta os estudos desenvolvidos sobre a Alfabetização Intercultural (NEVES, 2006; 2009; SURUI, 2015; NUNES, 2018; SANTOS, 2020) em dialogia com as pesquisas da Psicogênese da língua escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999; FERREIRO, 1985) e o pensamento freireano (FREIRE 1987; 1989; 1992; 1996), normativas, dentre outros.

A metodologia adotada na elaboração deste texto recorreu a pesquisa documental e narrativa. Em relação à pesquisa documental, este procedimento considera o exame de “[...] materiais que não receberam ainda um tratamento analítico [...]”. (GIL, 2008, p. 51). Assim, foi necessário fazer a releitura do projeto por meio da captura e análise das postagens feitas no Instagram. O critério adotado na seleção de postagens levou em conta 6 (seis) temáticas selecionadas que possibilitam uma visão panorâmica da conta.

Quanto a pesquisa narrativa, ela foi adotada em função da adoção da utilização da memória na produção deste escrito. Partimos da compreensão que as lembranças do passado inquietam o presente: “As pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos. Às vezes, torna-se até difícil separar o vivido do que está por viver”. (CUNHA, 1997, p. 188).

A justificativa principal que mobilizou a elaboração do texto em tela foi a necessidade de analisar a ação desenvolvida por meio do projeto “Alfabetização Intercultural no Instagram: exercícios de formação docente indígena” como um relato de

Josélia Gomes Neves

experiência educativa. Outra motivação relevante é a possibilidade de contribuição destas análises para a ampliação do campo da linguagem pedagógica no âmbito da alfabetização em áreas indígenas, bem como do fornecimento de pistas para atividades futuras e replanejamento de atividades.

O texto está organizado em três partes: a primeira apresenta uma breve contextualização sobre os aspectos conceituais da Alfabetização Intercultural; a segunda apresenta um breve histórico sobre a origem do projeto envolvendo a temática, sua relação com as redes sociais no contexto pandêmico e a terceira, apresenta análises das postagens do Instagram.

Sentidos da Alfabetização Intercultural

A publicação da Lei nº 6.001 (BRASIL, 1973), também conhecida como Estatuto do Índio, embora considerada uma normativa controversa, possivelmente porque foi elaborada e aprovada em plena ditadura militar, desencadeou um conjunto de reivindicações pela instalação de escolas tendo em vista o contexto exigido pelas relações estabelecidas pelo contato. Até então as nações indígenas organizavam seus processos formativos principalmente por meio da oralidade², que respondia adequadamente aos seus modos de vida.

A inserção das escolas nos territórios indígenas representou uma das grandes alterações em seus modos de viver uma vez que tanto o processo de demarcação das terras como a materialização do saber formal consistiu em formas de institucionalizações oficiais. Com a negociação assegurada pela Constituição de 1988 essas relações foram um pouco mais ampliadas.

Assim, os estudos sobre a Educação Escolar Indígena³ apontam que entre a década de setenta a noventa houve um signifi-

2. Sentimos certo desconforto com a palavra “ágrafa” utilizada comumente para situar os povos indígenas como sociedades sem grafia tendo em vista que em seus processos comunicativos-formativos adotam de forma quase exclusiva a oralidade. Inferimos que a necessidade de registrar acontecimentos (pinturas) ou antigas formas de comunicação estáveis (pictogramas) pode ter se presentificado na rotina das populações originárias da Amazônia.

3. (MELIÀ, 1979; LOPES DA SILVA, 1981; MONSERRAT; EMIRI, 1989; MONTE, 1994; MINDLIN, 1994) e documentos oficiais (BRASIL, 1998, 1999).

Josélia Gomes Neves

cativo debate envolvendo temas como: alfabetização, escrita, bilinguismo, interculturalidade e saber formal, dentre outros. Na atualidade, a educação escolar indígena e diferenciada está presente por meio da escola em diferentes contextos indígenas, nas diversas etapas da educação básica.

Nesta perspectiva, tem sido objeto de nossa preocupação acadêmica (NEVES, 2005; 2009) compreender como ocorre o processo inicial de aquisição da língua escrita nas aldeias indígenas em diferentes temporalidades. Verificamos que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita em contextos indígenas está previsto em dois importantes instrumentos normativos. De um lado, a Constituição Federal, no artigo 210, parágrafo segundo, estabeleceu que: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, **assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem**”. (BRASIL, 1988, p. 70, grifo nosso).

E de outro, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/1996, no artigo 78 acrescentou que: “O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de **educação escolar bilingue e intercultural aos povos indígenas** [...]”. (BRASIL, 1996, p. 29, grifo nosso).

A interpretação destas leituras foi importante para o delineamento do conceito de Alfabetização Intercultural, um termo que está em processo de construção. Foi inspirado a partir da concepção de Educação Intercultural, enquanto “[...] um processo formativo decorrente das relações biculturais ou multiculturais, envolvendo o estudo de duas ou mais línguas e as aprendizagens no campo da leitura e da escrita em uma perspectiva dialógica [...]”. (NEVES, 2009, p.183).

Pensando a Alfabetização Intercultural nas redes sociais em tempo de pandemia

Josélia Gomes Neves

[...] A escrita é uma técnica. É preciso dominar esta técnica com perfeição para poder utilizá-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência. É demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o Ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro. (MUNDURUKU, 2009, p. 1).

Estávamos preparando o primeiro semestre letivo de 2020 quando fomos surpreendidas em março com o anúncio da pandemia decorrente da Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Sentimentos de tristeza, perplexidade e indignação tomaram conta de muitos em função das mortes de perto e de longe. Quem sobreviveu a esta devastação sanitária experimentou intensas aproximações com a morte... Esta apreensão só foi reduzida com a chegada das vacinas e o processo de imunização. Um avanço produzido por determinados setores públicos porque a gestão central evidenciou discursos e práticas de negação à esta doença que vitimou até o momento quase 700 mil pessoas no Brasil. Revisitar estas lembranças embora seja um exercício doloroso, possibilita perceber a dureza daqueles longos dias, mas que de algum modo foi possível sobreviver, o que confirma que:

Quando um a pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (CUNHA, 1997, p. 187).

E foi neste contexto de indagações, dor e desamparo que a proposta investigativa compartilhada neste texto aos poucos foi sendo elaborada. Estávamos nos meses de novembro e dezembro de 2020 desenvolvendo as aulas do componente

Josélia Gomes Neves

curricular Língua e Literatura que discute alfabetização no curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia. As aulas aconteciam por meio do Ensino Remoto (ERE), duas vezes por semana – nas quartas e quintas feiras no período vespertino, com uma média de duas horas e meia de atividade através do aplicativo WhatsApp.

Este recurso foi adotado por ser o mais acessível às realidades de internet das aldeias da região amazônica. Significava uma forma de assegurar o direito à educação e certa estabilidade ao trabalho pedagógico, tendo em vista a vantagem de registrar integralmente o trabalho, que poderia ser consultado em outros momentos envolvendo oralidade (áudios) e escrita (mensagens de texto).

Estas aulas foram organizadas nos formatos de síncronas (aulas *online*) e assíncronas (realizadas por meio da realização de tarefas individuais como leituras, produção de memoriais, anotações, dentre outras). A ausência de internet e equipamentos como computador e celular nas aldeias excluiu um quantitativo significativo de estudantes às aulas, uma ilustração das desigualdades sociais de nosso país.

Assim, puderam participar da disciplina duas estudantes Surui *Paiter*, três estudantes do Povo *Cinta Larga*, uma estudante do Povo *Nambikuara Mamaindê* e uma convidada especial docente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) tendo em vista suas contribuições na formação docente indígena do estado de Rondônia e noroeste do Mato Grosso.

Ministrar aulas com um mínimo de qualidade pelo *WhatsApp* exigiu uma completa alteração no planejamento didático. Nesta direção, foi necessário produzir materiais apoiados em textos, imagens e sons que pudessem ser veiculados por este aplicativo. A elaboração de slides foi largamente adotada no processo, situação que evidenciou que estes recursos poderiam ser disponibilizados para um público mais amplo.

Assim, foi durante este processo que aos poucos fomos construindo a possibilidade de socializar alguns destes materiais nas redes sociais. Outra razão que motivou esta iniciativa

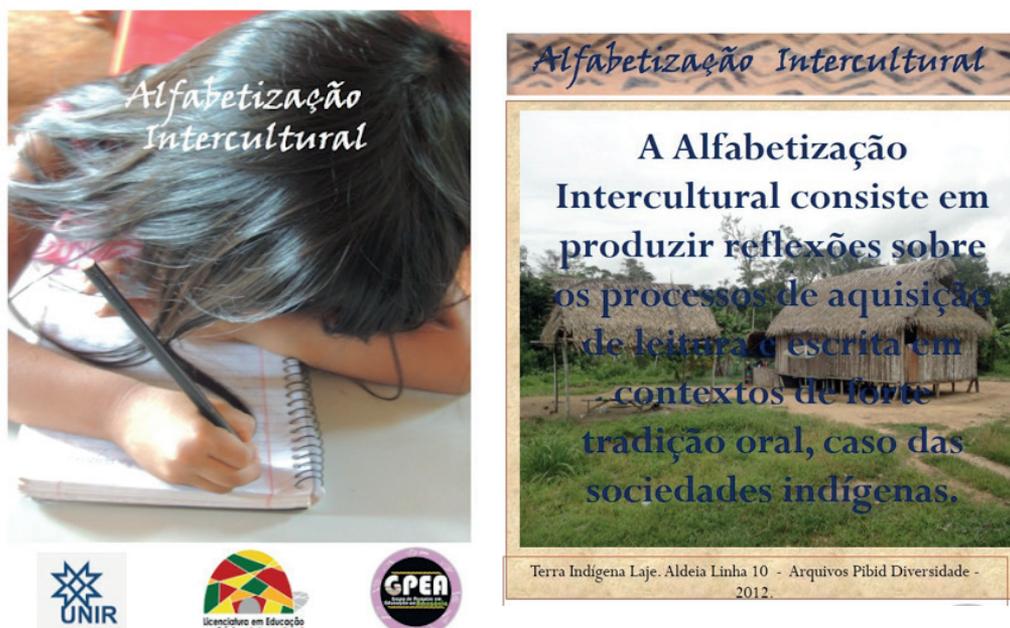
Josélia Gomes Neves

foi a constatação de que, embora haja na internet diferentes canais de divulgação de materiais sobre alfabetização em blogs, Facebook e Instagram, não há muitos locais que contemplem as singularidades indígenas.

Deste modo, a experiência das aulas remotas foi fundamental para a materialização da proposta formativa nas redes sociais. Olhando para aqueles tempos tão difíceis com uma internet nas aldeias tão precária, este resultado agora é uma fonte de alegria, percebido por meio deste escrito, pois: “A perspectiva de trabalhar com as narrativas tem o propósito de fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma”. (CUNHA, 1997, p. 190).

Foi aberta uma conta intitulada: alfa intercultural no Instagram em 28 de dezembro de 2020, ocasião em que foram feitas as primeiras postagens com conteúdo conceitual a respeito dos sentidos e significados do termo Alfabetização Intercultural.

Figura 1: Alfabetização Intercultural – aspectos conceituais.



Fonte: Acervo do Projeto (2022).

Josélia Gomes Neves

Depois fomos publicando outros conteúdos a partir de temas relacionados às práticas pedagógicas como reflexões sobre os diversos tipos de linguagem, conteúdo previsto na ementa do curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural no âmbito da disciplina Língua e Literatura que discute os processos de aquisição da língua escrita:

Figura 2: Linguagem.



Fonte: Acervo do Projeto (2022).

Este material, produzido para as aulas remotas evidencia as possibilidades dialógicas entre os saberes indígenas e não indígenas considerando as práticas comunicativas existentes.

Josélia Gomes Neves

Constitui um mecanismo de visibilização da linguagem como possibilidade cultural e identitária conforme aponta o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI):

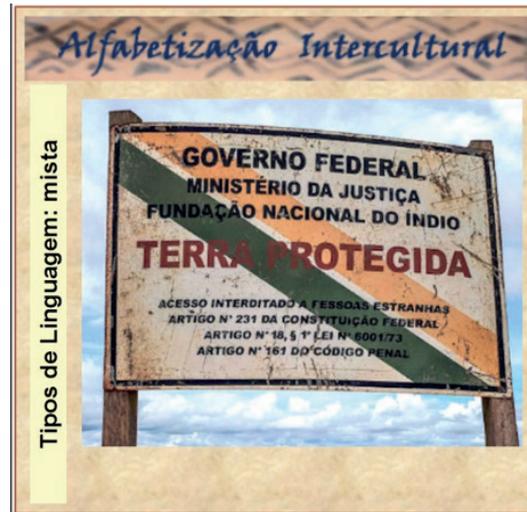
A linguagem é, quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. É por meio do uso da linguagem que a maneira de viver de uma sociedade é expressa e passa, constantemente reavaliada, de uma geração para outra. Os modos específicos de usar a linguagem são, por isso, como documentos de identidade de um povo num determinado momento de sua história. (BRASIL, 1998, p. 113).

Este tipo de postagem pode contribuir para estabelecer dialogias ilustrativas a partir dos próprios contextos indígenas. Dentre outros aspectos, pode exemplificar que o cartaz informando a necessidade de distanciamento social em função da covid-19 representa um modo de comunicação verbal. Já a língua assoviada, utilizada por vários povos da Amazônia, como os Gavião Ikolen no dia a dia ou em situações de trabalho – caça ou roçado, é um tipo de linguagem não verbal. E há imagens e textos em um mesmo suporte de escrita, caso das placas de identificação dos territórios indígenas, trata-se da linguagem mista.

Figura 3: Tipos de Linguagem.



Josélia Gomes Neves



Fonte: Acervo do Projeto (2022)

Essa experiência inicial das primeiras postagens nos levou a ampliar o trabalho mobilizado a partir da seguinte questão: que estudos foram produzidos até o momento sobre a Alfabetização Intercultural de modo que possam dialogar com a docência indígena de Rondônia e noroeste do Mato Grosso? Essa problemática foi importante na institucionalização do projeto intitulado: “Alfabetização Intercultural no Instagram: exercícios de formação docente indígena”, trabalho que foi desenvolvido no período de março de 2021 a junho de 2022. A principal finalidade foi levantar e produzir conteúdo digital a partir de estudos sobre a Alfabetização Intercultural de modo a estabelecer interações com a docência indígena de Rondônia e noroeste do Mato Grosso através das redes sociais na perspectiva da Ciência Aberta.

A metodologia adotada no projeto foi a Pedagogia da Pesquisa-Ação. Um recurso que possibilita o acolhimento de um problema de pesquisa e a partir daí, de forma coletiva, desenvolve ações investigativas e posterior encaminhamento aos interessados (as) como efetiva contribuição à questão. Nessa direção, representa um “[...] um trabalho participativo; colaborativo, pedagógico, entre pesquisadores e professores, na perspectiva de formação crítico-reflexiva, que, por pressuposto, reverterá na melhoria do ensino”. (FRANCO, 2016, p. 513).

Josélia Gomes Neves

Os resultados de estudos que vem ocorrendo há mais de 15 anos (NEVES, 2005) sobre as aprendizagens iniciais da língua escrita nas comunidades indígenas, evidenciam que há um conjunto de materiais importantes que podem ser disponibilizados para as diversas docências indígenas. As postagens, contemplam especificidades linguísticas culturais, pois há diferentes realidades indígenas, daí que a intenção não é que este material seja simplesmente copiado, mas que possa contribuir como um mecanismo inicial de recriação pedagógica (FREIRE, 1989) e assim ajude a pensar os processos de alfabetização nas aldeias.

Interações no Instagram – um olhar para os processos do ler e escrever nas aldeias indígenas

[...] as TICs, introduzidas em qualquer comunidade [...] traz consigo a mídia, a cultura popular e no caso das comunidades indígenas, a língua majoritária. [...] causa impactos nas tradições locais ao mesmo tempo em que afeta a estabilidade sociocultural [...] existente. Por outro lado, [...] as TICs oferecem a essas populações novos formatos que podem ser utilizados para a preservação, promoção e fortalecimento de suas línguas e culturas”. (VALADARES; BARBIN, 2005, p. 2).

Como já mencionamos, a divulgação de conteúdo digital sobre Alfabetização Intercultural – um conjunto de reflexões sobre a aquisição da língua escrita em contextos indígenas – constituiu a principal finalidade do projeto “Alfabetização Intercultural no Instagram: exercícios de formação docente indígena”, objeto de nossa análise.

Em decorrência disso, o projeto representou uma ação formativa específica e diferenciada para propiciar interações com a docência indígena de Rondônia e parte do Mato Grosso sobre o ingresso de seus povos nas culturas do escrito. Avaliamos

Josélia Gomes Neves

como adequado a utilização das redes sociais como mecanismo de desenvolvimento e transferência de novas tecnologias e inovação.

A título de ilustração demonstramos por meio das imagens que seguem 6 (seis) temáticas representadas nas postagens, como: a linguagem, as línguas no processo de alfabetização (indígenas e portuguesa), divulgação de trabalhos antropológicos que possuem relação com a escrita, cinema e educação, nome das crianças como proposta pedagógica e informações sobre a Ciência Aberta.

Neste contexto, produzimos conteúdos referentes a discussão sobre a língua que pode ser adotada na alfabetização. Desde a publicação do Estatuto do Índio já havia registros a esse respeito: “Art. 49. A alfabetização dos índios far-se-á na língua do grupo a que pertençam, e em português, salvaguardado o uso da primeira”. (BRASIL, 1973, p. 1), aspecto reiterado nas normativas posteriores. Esta evidência atesta a importância do tema na discussão da política linguística nas aldeias indígenas tendo em vista a importância da escrita.

Figura 4: Línguas na escola indígena.



Josélia Gomes Neves



Fonte: Acervo do Projeto (2022).

Sobre que língua escolher para o processo de alfabetização nas escolas indígenas, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1998) registra os debates acalorados que ocorreram nos anos oitenta e noventa a esse respeito. Embora a língua indígena fosse a mais recomendada na legislação, havia diferentes posicionamentos. De um lado, havia estudiosos (as) que entendiam que “A introdução da escrita em línguas indígenas é mais uma imposição do mundo ocidental com o objetivo de [...] ‘civilizar’ os povos indígenas”. (BRASIL, 1998, p. 128). Mas, de outro lado, algumas percepções problematizavam esta visão pois entendiam que:

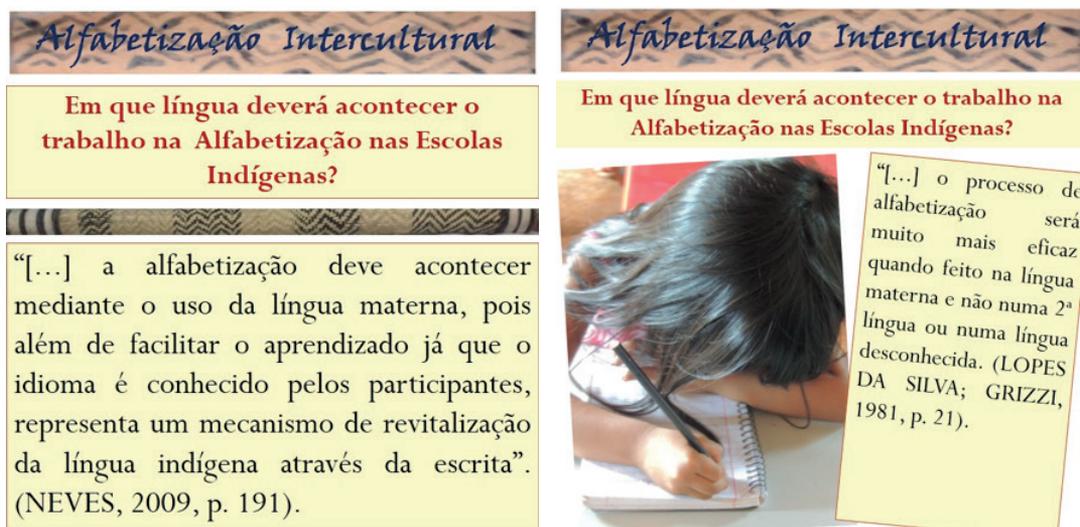
Não se pode partir do pressuposto de que a escrita de línguas indígenas seja sempre uma iniciativa imposta por não-índios. Fazer isso é desconsiderar a possibilidade de que os próprios povos indígenas possam tomar a decisão de escreverem suas línguas porque eles mesmos desejam fazê-lo. (BRASIL, 1998, p. 128).

Assim, a presença da língua materna das crianças na escola em diferentes períodos históricos tem sido objeto de múltiplos debates. Era comum ouvir as comunidades afirmarem que a escola não precisava ensinar algo que as crianças já

Josélia Gomes Neves

sabiam. No entanto, avaliavam apenas a questão do conhecimento oral, mas não o escrito. Concordamos que “[...] limitar essas línguas a usos exclusivamente orais significa mantê-las em posições de pouco prestígio e de baixa funcionalidade, diminuindo suas chances de sobrevivência em situações de pós-contato”. (BRASIL, 1998, p. 128), dentre outros argumentos.

Figura 5: Línguas na escola indígena.



Fonte: Acervo do Projeto (2022).

Observamos que em decorrência da pandemia da Covid-19 e a implementação de protocolo sanitário de distanciamento social, houve uma ampliação da internet e popularização de aparelhos de telefones móveis nas aldeias. Este contexto certamente produz efeitos na linguagem escrita para as crianças tendo em vista as diversas formas de interações que estabelecem com a língua portuguesa por meio de jogos digitais e outros.

Assim, embora haja uma orientação de que a alfabetização ocorra na língua materna das crianças, a decisão final é das comunidades, inferimos que em tempos de globalização há uma tendência para que estas aprendizagens iniciais da escrita ocorram em língua portuguesa. Uma situação que demanda preocupações com o futuro das línguas minoritárias e exige reflexões sistemáticas.

Outro tipo de conteúdo digital postado no Instagram, diz respeito a divulgação de estudos antropológicos relacionados à escrita, caso do trabalho de Lévi-Strauss e a relação estabelecida com

Josélia Gomes Neves

o povo indígena Nambikuara. A discussão foi sistematizada em dez postagens que se configuram como um álbum informativo, mas aqui apresentamos apenas três delas. Trata de uma discussão importante uma vez que representa uma preocupação da época em que a inserção da escrita em algumas situações era relacionada às práticas de proselitismo religioso.

A informação da capa do livro é um indicador de onde o material foi coletado. As citações, assim como as imagens estão todas relacionadas à discussão sobre a inserção inicial da escrita nos territórios indígenas e a percepção do antropólogo a respeito deste objeto cultural.

Figura 6: Lévi-Strauss.



Fonte: Acervo do Projeto (2022).

Josélia Gomes Neves

Outro tema que foi evidenciado nas postagens do projeto, foi o cinema e a educação. O propósito neste caso, foi fornecer dicas para a docência e desta forma, estreitar as relações entre educação e cultura de modo a aprofundar e enriquecer os processos formativos por meio da linguagem e reflexão cinematográfica, caso do filme “O leitor” produzido em 2009:

Figura 7: Filme – O leitor.



Fonte: Acervo do Projeto (2022).

Vale salientar que este filme foi incluído na pauta das atividades da disciplina que discute alfabetização na Licenciatura Intercultural. Além de propiciar a reflexão sobre a importância

Josélia Gomes Neves

da leitura e a tragédia do analfabetismo: “[...] o analfabeto ainda sofre e passa por vários constrangimentos ao longo de sua vida, representando, assim, uma temática presente e uma discussão necessária [...]”. (NASCIMENTO; SOUZA, 2014, p. 27), favorece o debate sobre os dilemas humanos.

Figura 8: Filme – O leitor.



Fonte: Acervo do Projeto (2022).

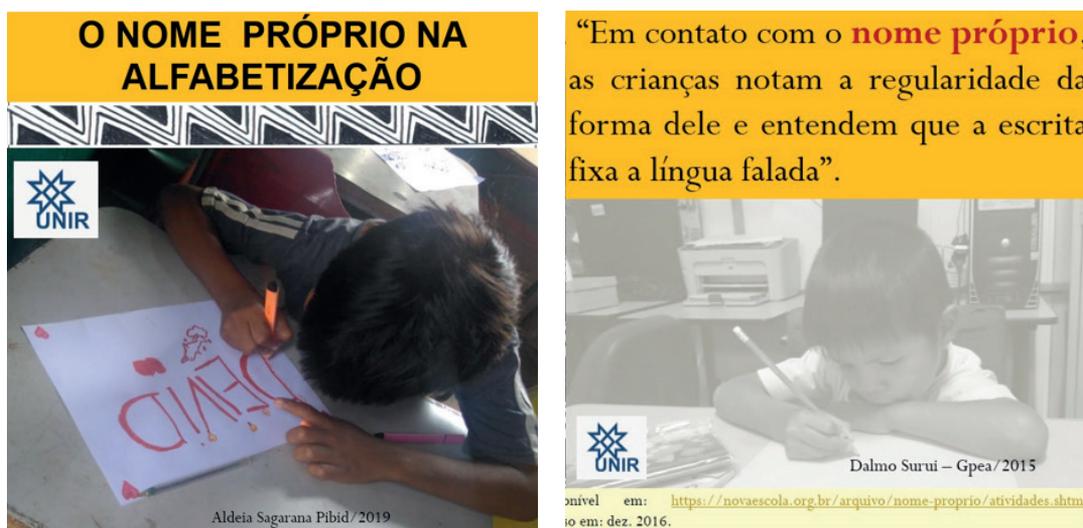
A inserção de filmes nos trabalhos pedagógicos é relevante para a formação docente uma vez que contribui para a ampliação do imaginário. Pode ser uma forma também de romper com modelos educacionais centrados em certo produtivismo pedagógico, pois avaliamos que: “[...] o cinema nos devolve a

Josélia Gomes Neves

nós mesmos, mas de um jeito diferente, pois estabelece um novo cenário para que nos exercitemos sobre a percepção [...], o pensamento [...], a sensação [...] e o relato [...]”. (ALMEIDA, 2017, p. 21).

Além de postar sobre livros e filmes, procuramos contemplar temas do chão da sala de aula, ou seja, que é possível iniciar o trabalho de alfabetização a partir do nome das crianças articulado com a leitura diária do alfabeto. As imagens das crianças foram extraídas dos materiais produzidos no âmbito do Relatório do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) em perspectiva Intercultural:

Figura 9: O trabalho com o nome próprio na alfabetização.

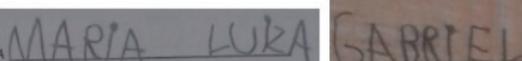


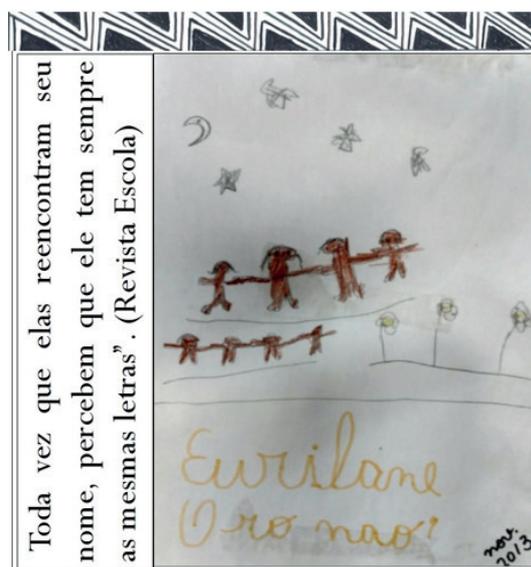
Fonte: Acervo do Projeto (2022).

Josélia Gomes Neves

Disponibilizar essa discussão nas redes sociais para a docência ou pesquisadores (as), significa se aproximar do que estabelece o Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014-2024 na estratégia da meta 5, que é preciso: “[...] selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a alfabetização de crianças, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, [...], devendo ser disponibilizadas, preferencialmente, como recursos educacionais abertos; (BRASIL, 2014, p, 59).

Figura 10: O trabalho com o nome próprio na alfabetização.

		<ul style="list-style-type: none"> • Descobrir quais nomes têm a mesma quantidade de letras.
<p>O trabalho com os nomes das crianças ajuda a mostrar a estabilidade do sistema de escrita, ou seja que algumas palavras não mudam.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os nomes que começam e terminam com as mesmas letras; 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Falar o nome dos colegas e descubra quantas vezes precisa movimentar a boca. 	
		



Fonte: Acervo do Projeto (2022).

Josélia Gomes Neves

Como em outros temas, as postagens sobre o trabalho com os nomes próprios na alfabetização se apresentam tanto de forma sequencial (dez postagens) com em publicações avulsas. As imagens de crianças indígenas foram extraídas de relatórios, caso do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) ou registros do acervo do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA).

Disseminar este tipo de conhecimento teórico em uma linguagem que pode ser compreendida pela docência indígena se aproxima das premissas estabelecidas no documento “Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2016-2022”, produzido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), que: “As universidades e instituições de pesquisa precisam ser estimuladas a incorporar a dimensão social nas suas agendas de pesquisa, a promover a formação cidadã; e deve ser buscada uma maior integração das ciências sociais e humanas às políticas de CT&I”. (BRASIL, 2016, p. 99).

A articulação ciência e tecnologia social em perspectiva formativa também está prevista no âmbito das Comunicações, área prioritária estabelecida na Portaria nº 1.122 e na Portaria nº 1.329 (BRASIL, 2020) com interface para o campo das humanidades. Uma ação que propicia “[...] a melhoria da educação científica, a popularização da C&T e a apropriação social do conhecimento”. (BRASIL, 2016, p. 100).

A experiência desenvolvida permite afirmar que a Ciência Aberta representa uma possibilidade cooperativa na produção científica evidenciando “[...] novas formas de difusão do conhecimento usando tecnologias digitais e novas ferramentas colaborativas [...]” (EUROPEAN COMMISSION, 2016 apud BERBER SARDINHA et.al, 2021, p. 3).

Assim, o projeto representou a materialização dos recursos educacionais abertos, que significam: “[...] conteúdos digitais de ensino, aprendizado e pesquisa que estão em domínio público ou publicados sob licença livre, [...] podem ser usados, adaptados e/ou distribuídos por qualquer pessoa [...]”. (REVISTA NOVA

Alfabetização Intercultural – exercícios de formação docente indígena na pandemia por meio do Instagram

Josélia Gomes Neves

ESCOLA, 2015, p. 1). A relação texto e imagens evidenciados nas postagens reflete a proposta da Ciência Aberta, tema explicado por meio de linguagem sintetizada nas postagens realizadas.

A proposta investigativa-interativa que desenvolvemos, a nosso ver, responde a esta interpelação ao inovar e favorecer um espaço educativo intercultural com benefício para as docências indígenas, como canal digital de veiculação desta especificidade formativa.

Figura 11: Ciência Aberta e a alfabetização.



Fonte: Acervo do Projeto (2022).

Josélia Gomes Neves

Nesta direção, avaliamos que a docência na alfabetização exige cada vez mais um (a) profissional que compreenda a importância de sua atuação com autonomia (1996), na condição de intelectuais (GIROUX, 1997) interculturais imprescindíveis para seus povos, considerando a importância da cultura escrita no mundo atual.

Significa afirmar que, “[...] a massificação das tecnologias de comunicação é fundamental para reduzir a assimetria no acesso à informação e a conteúdos digitais dos diversos segmentos da população e nos processos educacionais. A inclusão digital deverá promover um grande avanço educacional no Brasil, mas exigirá novos modelos pedagógicos, a produção de conteúdos digitais e muito apoio aos professores. [...]”. (BRASIL, 2016, p. 99).

Assim a mobilização para a proposição do referido trabalho pedagógico nas redes digitais ancorou-se em três pontos: na necessidade de prosseguir o aprofundamento e divulgação de estudos sobre a aquisição inicial da língua escrita entre povos indígenas no período pandêmico; a possibilidade de reexaminar e produzir conteúdo nas redes sociais com/para as docências indígenas considerando a necessidade de distanciamento imposto pela covid-19; a importância de visibilizar temas de interesse dos povos indígenas como potencial formativo na internet.

Neste sentido, o desenvolvimento e a transferência de novas tecnologias e inovação materializada pela rede social Instagram contribuiu na ampliação da popularização da Ciência e Tecnologia na medida em que tem interagido com a docência indígena de Rondônia e noroeste do Mato Grosso a respeito do trabalho pedagógico na área da Alfabetização Intercultural.

Considerações finais

A intenção que marcou a elaboração deste texto foi a necessidade de analisar os resultados do projeto de pesquisa “Alfabetização Intercultural no Instagram: exercícios de formação docente indígena” desenvolvido no período de março de

Josélia Gomes Neves

2021 a junho de 2022. Esta proposição investigativa realizou um levantamento de publicações acadêmicas e normativas sobre a alfabetização que acontece em territórios indígenas. Posteriormente passou a produzir conteúdo digital com vistas a interagir com a docência indígena de Rondônia e noroeste do Mato Grosso através do Instagram como possibilidade da Ciência Aberta.

A referida ação foi elaborada no Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA) por meio da Linha de Pesquisa Alfabetização e Cultura escrita. Neste espaço, tem ocorrido processos de leituras e oficinas para a elaboração dos materiais que serão postados na rede social Instagram.

A metodologia que possibilitou o escrito em tela foi a pesquisa documental – recurso importante para a apresentação e análise das postagens correspondentes às temáticas selecionadas. Foi necessário adotar a pesquisa narrativa considerando o uso da memória como mecanismo de reflexão formativa.

Compreendemos que ampliar a concepção de Alfabetização Intercultural por meio das redes sociais tem sido importante para visibilizar de forma geral aspectos de interesses indígenas na contemporaneidade, caso do ingresso inicial na cultura escrita. Eleger temáticas que de algum modo possam atrair a atenção das docências indígenas em um contexto digital interativo pode significar pequenos impactos nas salas de aula das aldeias indígenas, na medida em que pode desencadear reflexões sobre como se aprende a ler e escrever na atualidade.

O projeto sinaliza ainda para novas possibilidades de fazer formação docente continuada, bem como outros jeitos de produzir materiais didáticos que em função das especificidades indígenas exigem uma reelaboração considerando as diferenças de línguas e culturas.

Essa iniciativa explicita que é possível inscrever a educação nas plataformas digitais em uma perspectiva crítica, na medida em que o formato didático disponibilizado evita a tendência mecanicista de baixar, imprimir e distribuir atividades na sala de aula, sem reflexão.

Alfabetização Intercultural – exercícios de formação docente indígena na pandemia por meio do Instagram

Josélia Gomes Neves

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: fundamentos e perspectivas.

Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 33, p. 1-27, 2017.

BERBER SARDINHA, T.; MADUREIRA,S.; BRASIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M.C.P.; CAMARGO, Z.; SPAGNUOLO, R.L.; BRAZ, A.A.B. Portal multimodal/multilíngue para o avanço da Ciência Aberta nas Humanidades. Cadernos de Linguística, v. 2, n.4, e406, 11 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 6.001 - Estatuto do Índio**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm Acesso em: 12 mai. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Brasília. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394. Diário Oficial da União, Brasília, p. 27833-6544 de 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília. MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares em Ação**. Alfabetização. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024**. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. **Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação**

Alfabetização Intercultural – exercícios de formação docente indígena na pandemia por meio do Instagram

Josélia Gomes Neves

2016-2022. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Brasília, 2016.

BRASIL. **Portaria nº 1.122, de 19 de março de 2020.** Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Brasília, 2020.

BRASIL. **Portaria nº 1.329, de 27 de março de 2020.** Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Brasília, 2020.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23 n. 1-2 São Paulo jan./dec. 1997.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a Alfabetização.** 2. ed. São Paulo: Cortez/Editores Associados, 1985.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emília. **Cultura Escrita e Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito.** São Paulo: Cortez, 2013.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa Ação-Pedagógica: práticas de empoderamento e participação. **Educ. Temat. Digit.** Campinas, SP. v.18 n.2 p. 511-530 abr./jun. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

Alfabetização Intercultural – exercícios de formação docente indígena na pandemia por meio do Instagram

Josélia Gomes Neves

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MACEDO, A. V. L. da S. **A alegria da descoberta: uma experiência construtivista de alfabetização**. In: LOPES DA SILVA, A; FERREIRA, M. K. L. (orgs.). *Práticas Pedagógicas na escola indígena*. São Paulo: Global, 2001.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

MINDLIN, Betty. **Aprendiz de origens**. Revista Estudos Avançados. São Paulo, 1994.

MONSERRAT, R; EMIRI, L. **A conquista da escrita: encontros de educação indígena**. Cuiabá-MT: Iluminuras, 1989.

MONTE, Nieta. **Alfabetização e Pós-Alfabetização: uma experiência de autoria**. Em aberto, Brasília, ano 3, n. 21 ,(abr./jun.)1984.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade**. Disponível em: <http://insurretosfuriosos-desgovernados.blogspot.com> Acesso 18/07/2009.

Alfabetização Intercultural – exercícios de formação docente indígena na pandemia por meio do Instagram

Josélia Gomes Neves

NASCIMENTO, Elilson Gomes de; SOUZA, Eva Marinho de. Analisando “o leitor”: a multimodalidade como intersecção entre letramento e analfabetismo. *Revista Ao pé da Letra*, v. 16, n. 1, p. 11-28, 2014.

NEVES, Josélia Gomes. A Psicogênese na Aldeia: refletindo o processo de alfabetização com professores e professoras indígenas. **Revista P@rtes**, São Paulo, out., 2005.

NEVES, Josélia Gomes. Alfabetização Intercultural e apropriação da cultura escrita em áreas indígenas: fragmentos de um debate. 2006. **Revista Partes**, São Paulo, out., 2006.

NEVES, Josélia Gomes. **Cultura escrita em contextos indígenas**. Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargos. 2009. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara-SP, 2009.

NUNES, Franciele de Oliveira. **Alfabetização Intercultural: O ler e o escrever na perspectiva docente indígena Amondawa**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Campus de Ji-Paraná. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento de Ciências Humanas e Sociais. (DCHS) 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. O que são os recursos educacionais abertos? 8 de setembro de 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4648/o-que-sao-recursos-educacionais-abertos> Acesso em: 12 mai. 2022.

SANTOS, Vanúbia Sampaio dos. **Alfabetização Intercultural na escola indígena Zoró Pangyjěj**. 344f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maringá - PR, 2020.

SURUÍ, Naraykopega. **Alfabetização Intercultural Paiter Suruí: historiografando trajetórias do tempo ágrafo à cultura escrita**.

Alfabetização Intercultural – exercícios de formação docente indígena na pandemia por meio do Instagram

Josélia Gomes Neves

Orientadora: Josélia Gomes Neves. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná. Departamento de Educação Intercultural. (DEINTER), 2015.

VALADARES, Simoni., Braga, A. O., & BARBIN, S. **Tecnologias digitais como ferramentas para a manutenção e fortalecimento das línguas indígenas da Amazônia brasileira e áreas transfronteiras**. Seminário Compartilhamento de Experiências Bibliotecas Cruesp, São Paulo, Brasil, 2005.

WEISZ, Telma. **O Diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.